

## *Los pibes de Cromañón, ¡presentes ahora y siempre!*

### **A Argentina não esquece dos seus anjos**

*Los pibes de Cromañón, ¡presentes ahora y siempre!*

*Argentina no olvida a sus ángeles*

*Los pibes de Cromañón, ¡presentes ahora y siempre!*

*Argentina Does Not Forget Its Angels*

Yls Rabelo Câmara<sup>1</sup>

#### **Resumo**

Nesse levantamento bibliográfico apresentamos a maior tragédia não natural da Argentina, cujas consequências físicas, psicológicas e econômicas para as vítimas e suas famílias impactaram na sociedade e se estendem até os dias de hoje. O estudo que aqui fazemos resgata o horror por detrás desse sinistro e funciona como um instrumento a mais na luta pela preservação da memória de um feito tão trágico, na esperança que a justiça seja feita. O incêndio na República de Cromañón na noite do dia 30 de dezembro de 2004 deixou quase duzentos mortos e aproximadamente mil feridos. A corrupção por parte da Justiça protegeu réus ligados à política e condenou réus desprovidos de poder, dividindo opiniões e acendendo debates acalorados entre defensores e detratores desses últimos. As vítimas fatais desse sinistro jamais foram esquecidas: vivem nas lembranças dos argentinos e são homenageadas todo final de mês e, especialmente no dia 30 de dezembro, no santuário e no memorial que se ergueram para perpetuar suas memórias. Para fundamentar nossas argumentações baseamo-nos em investigadores como Zenobi (2010, 2011, 2014), Isacovich (2008, 2009) e Korstanje (2007, 2013). Concluímos que passados tantos anos a Argentina não esquece das vítimas fatais nem dos sequelados dessa tragédia que abalou o país e que mostrou que a justiça está atrelada a quem tem muito poder e dinheiro e pouco escrúpulo e humanidade.

Palavras-chave: Corrupção; Incêndio; Injustiça; Memória; Tragédia.

#### **Resumen**

En ese levantamiento bibliográfico presentamos la mayor tragedia no natural de Argentina, cuyas consecuencias físicas, psicológicas y económicas para las víctimas y sus familias impactaron en la sociedad y se extienden hasta los días de hoy. El estudio que aquí hacemos rescata el horror detrás de ese siniestro y funciona como un instrumento más en la lucha por la preservación de la memoria de un hecho tan trágico, con la esperanza de que la justicia se haga. El incendio en la República de Cromañón en la noche del 30 de diciembre de 2004 dejó casi doscientos muertos y unos mil heridos. La corrupción por parte de la justicia ha protegido los reos ligados a la política y ha condenado rehenes de poder, compartiendo opiniones y encendiendo debates acalorados entre defensores y detractores de esos últimos. Las víctimas mortales de ese siniestro jamás fueron olvidadas: viven en los recuerdos de los argentinos y son homenajeados todo fin de mes y, especialmente el 30 de diciembre, en el santuario y en el memorial que se erigieron para perpetuar sus memorias. Para fundamentar nuestras argumentaciones nos basamos en investigadores como Zenobi (2010, 2011, 2014), Isacovich (2008, 2009) y Korstanje (2007, 2013). Concluimos que pasados tantos años la Argentina no olvida a las víctimas fatales ni los secuestrados de esa tragedia que sacudió al país y que mostró que la justicia está ligada a quien tiene mucho poder y dinero y poco escrúpulo y humanidad.

---

<sup>1</sup> Licenciada em Letras Português-Inglês, Especializada em Ensino de Línguas Estrangeiras - Inglês (2003) pela Universidade Estadual do Ceará (1997); Mestra e Doutora em Tendencias Actuales en los Estudios Ingleses y sus Aplicaciones pela Universidad de Santiago de Compostela. Professora na Universitário Estácio do Ceará (FIC). E-mail: ylsamara@hotmail.com.

Palabras Clave: Corrupción; Incendio; Injusticia; Memoria; Tragedia.

### Abstract

In this bibliographic survey, we present the greatest unnatural tragedy of Argentina, whose physical, psychological and economic consequences for the victims and their families have impacted society and extend to the present day. The study that we do here rescues the horror behind this sinister and acts as an additional instrument in the struggle to preserve the memory of such a tragic feat, hoping that justice will be done someday. The fire in República de Cromañón on the night of December 30, 2004 left almost two hundred dead and about one thousand injured. Corruption by Justice has protected policy-related defendants and has condemned defendants deprived of power, dividing opinions and sparking heated debates among defenders and detractors of the latter. The fatal victims of this sinister event have never been forgotten: they live in the memories of the Argentinians and are honored every month end, and especially on December 30, at the sanctuary and memorial that have been erected to perpetuate their memories. We base our arguments on researchers such as Zenobi (2010, 2011, 2014), Isacovich (2008, 2009) and Korstanje (2007, 2013). We conclude that after so many years Argentina does not forget the fatal victims or the sequels of this tragedy that shook the country and showed that justice is tied to those who have a lot of power and money and little scruple and humanity.

Keywords: Corruption, Fire; Injustice; Memory; Tragedy.

## 1 Considerações Iniciais

A Argentina é um país que respeita suas raízes e sua história e o reflexo desse respeito pode ser contemplado no urbano: na arte de rua assim como nos monumentos, nos santuários e nos protestos organizados. Buenos Aires, em particular, é uma cidade nostálgica. Nela o passado convive com o presente, seja na arquitetura neoclássica, seja na lembrança requentada de passados eventos e vultos históricos. Independentemente do quão distante esse passado possa estar desse presente, os portenhos são fiéis à memória coletiva e são combatentes quando o assunto pelo qual advogam remete à política. O Caso Cromañón é um desses eventos que dividem opiniões e que provocam reações arrebatadoras; representa um capítulo doloroso para os argentinos e que ainda não foi concluído. Sobre ele tratamos nesse trabalho.

A Revista Relacult tem como escopo ser um instrumento interdisciplinar de divulgação de trabalhos científicos que debatam e reflitam criticamente sobre temas inerentes à América Latina e ao Caribe. Nesse artigo tratamos de um assunto polêmico, que ainda causa dor aos que foram por ele afetados: o incêndio na discoteca República de Cromañón, em Buenos Aires, na noite do dia 30 de dezembro de 2004, matando cento e noventa e quatro pessoas e deixando setecentos e quatorze feridos. Este incêndio sem chamas representou a maior tragédia não natural até hoje ocorrida no país e serviu de divisor de águas no que diz respeito à atenção quanto à fiscalização de lugares públicos destinados a acolher multidões. Contudo, esse logro não foi suficiente para que se perdoasse a negligência com a qual o assunto foi tratado e a injustiça cometida para com as vítimas e os culpados menos

favorecidos pelo dinheiro e pelo poder. O Caso Cromañón se converteu em uma nódoa histórico-social difícil de ser removida.

Para que transmitamos todo o horror que ele significou e significa para os argentinos, apresentamos, em primeiro lugar, a tragédia tal como esta ocorreu; em seguida, os culpados por ela e como pagaram por sua irresponsabilidade; em terceiro lugar, o santuário erguido em homenagem aos *pibes* (“garotada” em espanhol) mortos e que ainda hoje se mantém como um relicário de suas memórias e, por último, dois outros sinistros semelhantes ao ocorrido na República de Cromañón: um no Paraguai, no Supermercado Ycuá Bolaños, em agosto de 2004, e outro no Brasil, na Boate Kiss, em janeiro de 2013. Infelizmente estes dois últimos incêndios não tiveram a mesma repercussão social que o Caso Cromañón, mas serviram de paradigma para tragédias semelhantes. Aos interessados no tema, oferecemos, após a bibliografia, o Anexo I com algumas sugestões de vídeos sobre os três sinistros aqui tratados, especialmente o incêndio na República de Cromañón.

## **2 Cromañón: a crônica de cento e noventa e quatro mortes anunciadas**

Conforme Codaro (2015), a República de Cromañón foi um *boliche*, uma discoteca localizada nos arredores de Buenos Aires, mais especificamente no bairro Balvanera, na Calle Bartolomé Mitre, 3060, a cento e cinquenta metros do terminal de ônibus, habilitada em 1997 para acolher shows de rock *chabón* (alternativo) por ser considerada um dos três locais mais amplos para a realização desse tipo de eventos na cidade. Segundo Wortman (2005, p. 3), “A diferencia del rock popular de los setenta, este rock asocia, lo que antes no juntaba, el fútbol y el rock, se funda en mitos populares y tiene como escenario principal el barrio”. Entre março e dezembro de 2004, mais de trinta shows de rock aconteceram ali e a bilheteria chegou a registrar, em certo momento, um público de até cinco mil pessoas, quando o máximo de expectadores que a estrutura do lugar podia comportar era a exata conta de mil e trinta e um (ISAVOVICH, 2008).

De acordo com Wortman (2005), era de grandes dimensões (onze metros de largura por quarenta e dois metros de profundidade), ainda que mal distribuído, com muitas colunas entre o portão de entrada e o palco, seis portas paralelas entre si quando abertas e perpendiculares a esse portão (com o intuito de filtrar os expectadores), além de um amplo salão na parte de baixo, onde ficavam o palco, um bar e uma escada que dava acesso a dois andares: à ala VIP, no primeiro andar, e aos banheiros, no segundo. Na noite da tragédia, comprovou-se que, se tivesse uma estrutura mais *clean*, o número de vítimas teria sido reduzido.

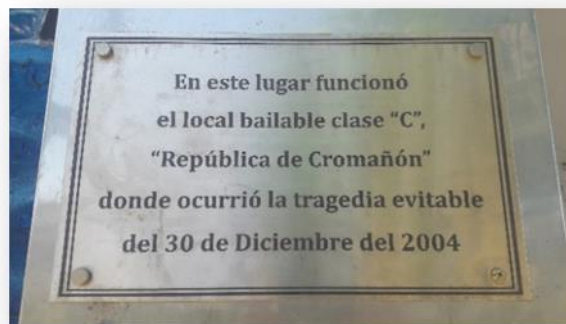


Foto 1 - Placa indicativa da República de Cromañón após a tragédia  
Fonte: Acervo da Autora

Naquela noite de quinta-feira, 30 de dezembro de 2004, estaria se apresentando ali a banda Callejeros. Idolatrada por seus fãs e no auge da fama, havia recebido recentemente o título de “Banda Revelación del Año” (KORSTANJE, 2013). Sua música se identificava com aqueles jovens que viam no rock a expressão de seus sentimentos aprisionados:

En el marco del cambio involutivo de la Argentina de los noventa surge un nuevo actor social juvenil, el joven sin futuro, que no estudia ni trabaja, o que accede a trabajos sin calificación, precarios, inestables, en “negro”, sin proyección hacia el futuro. Estos jóvenes conocen la inmovilidad social, ya no creen que superarán a los padres, en muchos casos son hijos de desocupados y carecen de toda ética del trabajo y del sacrificio. Así como la sociedad se empobrece cada vez y se hace cada vez más desigual y segmentada, los jóvenes son profundamente golpeados por estos procesos sociales, tornándose extremadamente vulnerables, lo mismo que la población infantil. (WORTMAN, 2005, p. 3).

Aquela era uma noite especial pois Callejeros estaria tocando as músicas de seu terceiro CD. Entre o público, pessoas de todas as idades, etnias, credos e origens. Havia uma quantidade maciça de jovens na faixa etária dos vinte anos, várias pessoas já maduras e algumas crianças, sendo uma delas um bebê de dez meses de idade (levar os filhos para shows de rock é algo comum na Argentina):

[...] si se realiza trabajo de campo en los recitales, sean de un grupo, o sean de varios (en la modalidad festival que impera últimamente), se verifica fácilmente que los concurrentes son de entre 12 y 30 años, con preponderancia de ciertas franjas etarias según la banda de que se trate. (CLARÍN *apud* CONDE, 2005, p. 1).

Aparentemente estava tudo arquitetado para que fosse mais uma apresentação de sucesso da banda, a que fecharia aquele ano exitoso. Parecia também que a segurança havia sido reforçada: as pessoas estavam sendo melhor revistadas que em anteriores ocasiões porque, naqueles idos, os shows de rock na Argentina levavam seus fãs a portarem rojões que eram soltos no furor das apresentações:

[...] el rock no es sólo música, es espectáculo, fiesta, baile, escenas, emociones, etc. Ahora, con la conformación de este subcampo del rock, llamado rock “chabón”, se ha generado una sensibilidad de tono futbolera, la cual se apropia de varios tics del espectáculo futbolístico actual como es el acto de arrojar bengalas, entre otros. (WORTMAN, 2005, p. 3).

Zenobi (2010) esclarece que antes da tragédia o local quase havia se incendiado duas vezes em menos de um ano e por isso a insistência em que não se levassem rojões para festas como aquela, que reuniria muitos fãs em um local fechado. Contudo, a irresponsabilidade de uns e a ganância e a negligência de outros foram mais fortes do que a prudência e a ética: em vez de mil e trinta e uma, havia ali pelo menos duas mil oitocentas e onze pessoas - gente demais para um espaço relativamente grande, mas não o suficientemente grande para acolhê-las como era devido. Como contavam com apenas trinta seguranças (vinte e cinco homens e cinco mulheres), eram muitos os espectadores e o show já se iniciara, passou-se a revistar os que chegavam por último de forma mais rápida e displicente.

Minutos antes de que se iniciara a performance de Ojos Locos, banda que entreteria os fãs enquanto Callejeros se preparava para entrar, Omar Chabán, gerente do lugar, já havia pedido no palco que não se usasse pirotecnia naquele ambiente porque poderia ser perigoso, ainda mais porque se tratava de um lugar sem muitas aberturas. Ao iniciar os primeiros acordes da banda Callejeros, seu vocalista, Pato Fontanet, fizera o mesmo: avisara que ninguém soltasse rojões porque o espaço não o permitia (KORSTANJE, 2013). Mas como evitar o inevitável? O que se poderia esperar de quase três mil pessoas, jovens em sua maioria, felizes por estarem diante de sua banda de rock favorita e portando rojões escondidos em suas roupas e acessórios? Em dois minutos e trinta e três segundos de show, a alegria se transvestiria de luto.

Zenobi (2010) detalha o momento crucial da tragédia. Segundo ele, Ojos Locos já havia terminado sua apresentação e, eufórico, o público bradava em uníssono para que entrasse Callejeros com gritos de “¡Vamos, vamos, vamos, Callejeros!”, pulando e movendo suas bandeiras. Após um minuto e cinquenta e cinco segundos de iniciada a apresentação dessa banda, durante a execução de *Distinto*, a primeira de um repertório de trinta músicas que haviam sido selecionadas, veem-se acesos os primeiros dos quarenta e um artefatos de pirotecnia que entraram clandestinamente no recinto. Misturaram-se música alta, cheiro de pólvora, gritos de felicidade e vozes que cantavam a plenos pulmões. De repente, às 23:35 aproximadamente, o saxofonista parou de tocar e apontou para o canto direito do teto, em cima do palco. Os demais integrantes da banda também silenciaram seus instrumentos. Um dos rojões atingira o revestimento acústico de poliuretano, forrado com uma esponja extremamente inflamável. A princípio não parecia algo sério, apenas um pequeno foco de fogo que desprendia fumaça e pedaços do teto que caíam ao solo. Segundos depois, devido a um curto-circuito, houve o corte de luz e a terrível certeza veio à tona: aquela fumaça era tóxica e quem estava ali, se não corresse, morreria em questão de minutos.



Foto 2: Desespero na República de Cromañón

Fonte: Acervo da Autora

Ainda segundo Zenobi (2010), com um foco de incêndio no teto, o pânico tomou conta das pessoas e as levou a buscar as saídas de emergência e os banheiros, além de janelas por onde pular. Com a histeria que se instalou, alguns, já afetados pelos gases venenosos exalados, caíram ou desmaiaram e foram imediatamente pisoteados pelos que lhe estavam atrás. As pessoas, que antes estavam juntas, desfrutando da festa, se separaram (em muitos casos, para sempre). A densa cortina de fumaça juntamente com o desespero das pessoas, naquele momento de morte iminente, as atordoou. Às cegas, não sabiam em que parte do Cromañón se encontravam; eram empurradas e não tinham como se deter em um lugar específico para realinhar estratégias de salvação. Evitava-se cair. Buscava-se uma saída. Pensava-se na morte que, de fato, já começara a recolher suas primeiras vítimas.

Zenobi (2010), Wortman (2005), e Morel (2009) concluem que o resultado do que ocorreu poderia haver sido outro se o local contasse com aparatos mínimos de segurança, mas, infelizmente, dos quatro extratores de ar, dois funcionavam e os outros dois estavam cimentados por fora - mas mesmo que estivessem funcionando, parariam, uma vez que a

energia elétrica havia sido cortada pelo fogo. Segundo Zenobi (2014), dos quinze extintores de incêndio que haviam no local, somente cinco funcionavam, mas estavam com a validade vencida, despressurizados e/ou com as mangueiras perfuradas. As janelas do primeiro andar, que supostamente eram de vidro, tinham



Foto 3 - O portão quase intransponível da República de Cromañón

Fonte: Acervo da Autora

sido tapadas por fora com argamassa, tal como os extractores de ar supramencionados. O local não contava com fitas sinalizadoras fluorescentes e as luzes de emergência falharam. Não havia por onde fugir que não fosse pelo portão principal (*vide* Foto 3), mas àquela altura estava fechado e apenas mantinha a portinhola aberta, ou pelas saídas de emergência. Se estivesse funcionando conforme as regras de segurança internacionais, o local teria sido evacuado completamente em sete minutos, mas não foi bem assim que aconteceu.

Cegos pela escuridão e pela fuligem, entorpecidos pelos gases venenosos que o teto desprendia, sufocados pela fumaça preta e densa e pelo calor insuportável, uma grande parte dos presentes buscou as saídas de emergências, mas as encontrou lacradas, o que resultou ser uma armadilha fatal (NEME, 2014). Do lado de fora da principal saída de emergência, único ponto ligeiramente iluminado em todo o ambiente, atônitos, os jovens que já estavam fora viam mãos enegrecidas escapando para fora do portão, tentando, em vão, abrir a porta de ferro, mas impossibilitados de quebrar o cadeado cuja chave ninguém sabia onde estava. Pouco a pouco essas mãos foram aparecendo cada vez menos, ao passo que diminuía também os gritos, choros, lamentos e pezadas no portão. Nove minutos depois, pode-se abrir essa porta, mas já quase ninguém ali dentro respirava mais. Os que para lá haviam se dirigido com o intuito de escapar estavam quase todos mortos. A Foto 1 mostra um painel premiado sobre o acidente, que retrata com fidelidade o que se registrou na memória das testemunhas naquela noite, defronte àquela saída de emergência: fumaça, mãos, escuridão, angústia, corrente e cadeado.

Desesperados, os que primeiro saíram, voltaram para resgatar quem ainda estava dentro, às cegas, pisoteando os que já estava caídos - arquejantes ou mortos. Alguns desses jovens, depois de algumas incursões para dentro e para fora do recinto, salvando quem encontravam pela frente e já tocados pela fumaça assassina, tombaram mortos também, asfixiados. Onde há poucos minutos somente existia espaço para a expressão da alegria,

ouviam-se gritos, pranto e súplicas por socorro, em um pandemônio sem precedentes na história da Argentina. Fora da República de Cromañón, muitas cenas de desespero, de dor e de impotência. As ambulâncias e os profissionais de saúde eram insuficientes para acolher tantos feridos que necessitavam de ajuda imediata. Contabilizando os mortos, os dados são alarmantes:

Entre los muertos figuran una bebé de diez meses, dos nenas de 4 años y nueve niños de entre 6 y 12 años de edad, mientras que el 27,56% del total fueron adolescentes en la franja de los 13 a los 18 años, y el 44,86% en la de los 19 a 25. (CLARÍN *apud* CONDE, 2005, p. 1).

Korstanje (2013) defende que as chamas não foram exatamente a *causa mortis* daqueles jovens, mas a inalação da mistura letal de monóxido de carbono, dióxido de carbono e ácido cianídrico (cianuro) que se desprende do teto queimado pelos rojões. Essa combinação venenosa e extremamente comburente estava condensada na forma de isolante acústico que forrava o teto do lugar e, ao derreter-se, produziu a fumaça letal. Vale ressaltar que o ácido cianídrico foi usado pelos americanos nas câmaras de gás antes de que se usasse a injeção letal nos casos de pena de morte. É cem por cento mortal porque, ao inalá-lo, o sujeito tem todas as suas enzimas celulares bloqueadas e o oxigênio não entra mais no organismo. Em outras palavras: o indivíduo “queima-se por dentro” (NEME, 2014).

As cenas mais chocantes para os socorristas, bombeiros e policiais que adentraram o lugar quando a fumaça cedeu foi ver, nas paredes manchadas pela fuligem, as marcas das mãos dos agonizantes, que imprimiram ali seu desespero; marcas que se iniciavam à altura da cabeça e desenhavam um traçado não linear e descendente até perto do chão, onde os que as plasmaram tombaram inconsistentes, com a morte a rodar-lhes, assim como as marcas de pés e de solados de calçados pela parte de dentro da porta de emergência, cristalizando o horror de seus últimos momentos (WORTMAN, 2005). Como a porta principal somente abria-se para dentro, ficou travada com os corpos dos que caíram diante dela e que resultaram em duas montanhas de cadáveres, uma com inacreditáveis dois metros de altura por cinco de largura. Nos banheiros, a cena não era menos dantesca: por todos os lados viam-se roupas, bandeiras rasgadas, documentos, bolsas, carteiras, chaves, entradas do show e, principalmente, calçados. Desses, quase todos eram tênis do tipo *All Star*, que os norte-americanos chamam de *sneakers*, as *zapatillas Topper* (*vide* Foto 4) típicas da juventude portenha e que, metonímicamente, viraram o símbolo de seus ex-donos, ceifados na aurora de seus anos e de maneira inesperadamente rápida e cruel (ZENOBÍ, 2011). Como emblemas dessa desgraça,



recolhidos às centenas no interior da discoteca por bombeiros e policiais após o trabalho da perícia, foram alçados a uma corda que cruza a entrada do santuário que se formou, de maneira espontânea e instantânea, do lado de fora no dia seguinte.

Nem todas as vítimas fatais morreram no local do acidente; muitas faleceram nos hospitais, de forma agônica e lenta. Para homenageá-las, painéis foram pintados nas paredes que adornam o santuário, com os símbolos da dor daquela noite inesquecível: corações partidos, correntes robustas, cadeados sem chave, mãos suplicantes dentro de uma densa fumaça preta, tênis alados e que aludem à inocência da juventude e claves de sol que simbolizam a música que unira aqueles jovens que, sem o saber, se encontraram ali, na República de Cromañón, para morrer.

Houve culpados por tanta dor causada, mas será que eles pagaram realmente pelo mal que cometeram contra os que se foram e contra os que ficaram? Consoante esses últimos, não. Como já se esperava que ocorresse, os julgamentos arrastaram-se por mais de uma década e os verdadeiros culpados, que foram subornados para que a República de Cromañón funcionasse sem estar devidamente preparada para isso, jamais pagaram por seu crime; apenas os que estavam vinculados mais diretamente com os espetáculos daquela noite e que, após a desastrosa organização do evento, foram rotulados como gananciosos e negligentes por permitirem que mais do que o dobro do público perdido ali se reunisse sem, contudo, assegurar-lhe segurança, como explica Korstanje (2007).

Os que foram considerados culpados e os que se safaram dessa pecha, além das condenações particulares dos condenados, permeadas de polêmicas tanto por parte de defensores quanto por parte de detratores, é o que expomos na seguinte sessão.

### 3 Quem pagou pela desgraça ocorrida na República de Cromañón

Logo após a tragédia, instalou-se um clima de comoção nacional, de dor e de revolta entre os afetados mais diretos (familiares e amigos dos falecidos e dos setecentos e catorze feridos, além dos sobreviventes que saíram ilesos ainda que marcados psicologicamente), que exigiam a punição imediata dos culpados (ZENOBI, 2010). Buscava-se ajuda para que vítimas fatais fossem trasladadas e para amenizar a dor dos que padeciam nos hospitais, além de indenização para



Foto 4 - *Zapatillas Topper* - símbolo dos *pibes* mortos na tragédia do Cromañón  
Fonte: Acervo da Autora

todos os que foram tocados pela desgraça naquele 30 de dezembro, punição severa para os culpados e maior rigor quanto à segurança em locais fechados e muito frequentados (ISACOVICH, 2009).

Como defende Zenobi (2011), culpava-se o governo corrupto de Aníbal Ibarra, Chefe de Governo da Cidade Autônoma de Buenos Aires, como o responsável máximo pela negligência para com a fiscalização de espaços de entretenimento na época. Culpava-se também o gerente da República de Cromañón, Omar Chabán, e a banda Callejeros porque sabiam que havia gente demais na discoteca naquela noite e deu-se a entender com isso que o que lhes importava era ter a casa cheia e lucrar com o evento. Tamanha foi a revolta das pessoas que palavras como *massacre* e *tragédia* passaram, invariavelmente, a se referir, a partir de então, ao Caso Cromañón (ISACOVICH, 2008).

Entre aqueles pais cujos filhos haviam morrido no acidente e os *pibes* que a ele sobreviveram ou as pessoas que à causa se juntaram, havia a necessidade comum de que se fizesse justiça. Algumas das associações mais atuantes vêm sendo, segundo Codaro (2015): Cambiar esta Realidad, Asociación de Padres e Hijos Asesinados en Cromañón, Que No Se Repita, Asociación de Víctimas de la Inseguridad Social en Argentina, Familias por la Vida, Memoria y Justicia por Nuestros Pibes, No Nos Cuenten Cromañón, etc. O fato é que se formaram correntes ideológicas distintas e nem sempre conciliáveis entre e dentro desses grupos, conforme Codaro (2015), Zenobi (2011) e Korstanje (2007), e que acusam Ibarra, Chabán e Callejeros segundo suas convicções políticas.

Semanas após o acidente, a Subsecretaría de Derechos Humanos del Gobierno de la Ciudad de Buenos Aires impulsionou o *Programa de Atención Integral a las Víctimas del 30 de Diciembre de 2004*, que promoveu atenção médica, psicológica e psiquiátrica gratuita, cobertura de despesas com os traslados de corpos, além do pagamento de um subsídio único e especial para os afetados diretos e indiretos, aproximadamente seis mil e quinhentas pessoas, por seis meses, mas que se estendeu, na verdade, por mais de dois anos. De acordo com Zenobi (2014, p. 7), “[...] sólo en um 11% de los casos se trató de padres y madres de las víctimas fatales mientras que casi el 88% de los beneficiarios del subsidio fueron sobrevivientes”. Ao final, o programa provou ser um fracasso porque estava mal-planejado e corrompido.

Segundo Isacovich (2009), as vozes nas ruas recrudesceram e exigiu-se a prisão imediata de Omar Chabán e de Aníbal Ibarra. Chabán teve sua prisão preventiva decretada e a ordem cumprida já no dia seguinte à tragédia (ISACOVICH, 2008). Os shows de rock foram proibidos em Buenos Aires até segunda ordem e criou-se uma linha telefônica exclusiva para

atender as vítimas. Com o tempo, uma agenda foi sendo desenvolvida em torno das reivindicações e as passeatas reivindicatórias tornaram-se frequentes. Como consequência, a pressão popular fez com que Ibarra fosse destituído de seu cargo em março de 2006, depois de um longo processo político (ZENOBI, 2011). Funcionários municipais de seu governo, policiais federais, os músicos da banda Callejeros, o dono do local onde funcionava a República de Cromañón e Omar Chabán foram condenados em distintos níveis e em distintos momentos:

La tragedia de República Cromañón derivó además en importantes cambios políticos; entre ellos, fue destituido mediante un juicio político el entonces Jefe de Gobierno de la ciudad, a quien se consideró el responsable político principal. Al mismo tiempo, la tragedia puso en evidencia la connivencia que existía entre inspectores, funcionarios políticos, bomberos, policía y el empresario responsable de República Cromañón. (MOREL, 2009, p.1).

Omar Chabán foi um dos maiores incentivadores do rock alternativo, do teatro, da dança e das artes em geral na Argentina. Muitas das bandas de rock do país devem-lhe o incentivo, a divulgação, a carreira e o estrelato. Conforme Neme (2014), Chabán, de ascendência muçulmana, era conhecido por sua inteligência, articulação, irreverência e, principalmente, por seu espírito empreendedor. Antes fora dono do Cemento, um espaço para a divulgação do rock *underground*; um lugar sujo e até certo ponto decrépito, onde os músicos e os frequentadores não se sentiam totalmente à vontade. Assim sendo, Chabán adquiriu a República de Cromañón para contemplar seu público e seus parceiros/colaboradores. Tido por muitos como o maior responsável pela tragédia e assumindo-se publicamente como tal, Chabán havia subornado bombeiros, policiais e inspetores da vigilância sanitária para passarem ao largo das irregularidades presentes em seu novo estabelecimento:

[...] el 70 % de los boliches carecían de controles contra incendios pero lo paradójico es que Cromañón sí los tenía. A pesar de su falta de ventilación, sus puertas de emergencia insuficientes, sus telas de mediasombra, su material inflamable en los techos, su falta de iluminación para guiar las salidas de emergencia, tenía su certificado de aprobación de bomberos. Luego nos enteramos del mecanismo: los bomberos concertaban pasar en horarios para que no hubiera nadie y todos quedarán en regla en los papeles pero en falta con la realidad puesto que el boliche era una bomba incendiaria. (SMUD, 2005, p. 134).

Según consta en la causa judicial, el local funcionaba bajo una habilitación irregular y no contaba con las garantías de seguridad requeridas por la normativa municipal vigente tales como salidas de emergencia habilitadas, materiales ignífugos, etc. En la causa judicial iniciada por el incendio, se comprobó que el dueño del local había pagado sobornos a inspectores municipales y policías para poder operar el lugar en esas deficientes condiciones. (ZENOBI, 2010, p. 584).

À luz de Neme (2014), além de haver subornado a fiscalização, Chabán foi condenado pela opinião pública por um delito bem mais grave: por ordem sua as portas de emergência da discoteca haviam sido bloqueadas naquela noite. Chabán explicara à imprensa, na época, que mantivera as saídas de emergência trancadas com correntes e cadeados para que os *pibes* não incomodassem os hóspedes do hotel que ficava ao lado, hotel este que pertencia ao mesmo dono do prédio onde funcionava a República de Cromañón. Sem embargo, era verão, fazia muito calor naquele 30 de dezembro de 2004, e ter o triplo de expectadores dentro de um ambiente fechado, sem ventilação, confuso por dentro e com as saídas de emergência fechadas intencionalmente, em um momento da história argentina onde os rojões faziam parte do espetáculo por parte do público roqueiro, foram, para os que viveram aquela tragédia de forma direta ou indireta, os maiores erros desse empresário de sucesso.

Ainda segundo Neme (2014), Chabán foi condenado primeiramente a vinte anos de prisão. A redução de sua pena para oito anos (em 2011) e o posterior aumento da condenação para dez anos e nove meses (em 2012) foram o prenúncio de sua desdita final. Desde o ocorrido naquela noite, havia se fechado em um mundo de amargura, culpa assumida, julgamento popular voraz (com agressões verbais e psicologias ininterruptas à sua pessoa) e exílio autoimposto de suas atividades culturais, que culminariam com a morte de seus pais por desgosto e com a confirmação de que era portador de um linfoma. A doença minaria sua saúde lentamente até matá-lo a pouco mais de um mês de se completar dez anos da tragédia, mais precisamente no dia 17 de novembro de 2014. Seu corpo foi velado por pouquíssimas pessoas, vedado ao público, à imprensa e aos artistas que ajudara.

A banda Callejeros também sofreu seu inferno particular: em primeira instância, em 2009, todos os membros da banda foram absolvidos. Julgados novamente em 2011, 2012 e 2015, tiveram suas sentenças revisadas, sendo acusados nessas três ocasiões e punidos com penas que variam de dois a sete anos de prisão pela acusação de incêndio culposo seguido de morte e corrupção passiva, a mesma de todos os outros envolvidos (CLARÍN, 2015). Suas condenações dividiram opiniões: uns achavam que eles eram tão culpados quanto os organizadores do show e os funcionários públicos subornados; outros apoiavam a banda, eram seus fãs e não aceitavam que os integrantes desta fossem culpados por falhas na organização do evento quando sua função ali era tocar e cantar.

No âmbito pessoal, as condenações dos músicos trouxe-lhes ainda mais desventuras, uma vez que tiveram perdas maiores com a tragédia: Pato Fontanet, o líder e vocalista, perdeu a namorada, além de uma tia no acidente; sua mãe teve 40% do corpo queimado. Pato tentou suicidar-se e passou a viver, desde então, à base de remédios e em constantes internações

psiquiátricas. Maximiliano Djerfy, o guitarrista, perdeu cinco dos nove familiares que foram vê-lo tocar naquela noite (CLARÍN, 2015). Contudo, o pior aconteceu com Eduardo Vázquez, o baterista: foi condenado à prisão perpétua por feminicídio, por haver ateado fogo ao corpo de sua esposa, Wanda Taddei, de trinta anos, em 2010, depois de uma discussão acalorada com ela, causando-lhe uma morte profundamente agônica onze dias depois (CLARÍN, 2015).

Desgraçadamente Aníbal Ibarra não foi condenado; apenas perdeu o cargo político que exercia na época, o de Chefe de Governo da Cidade Autônoma de Buenos Aires. Surpreendentemente foi reeleito em 2011, comprovando que o poder compra a absolvição de culpados como ele. Por outro lado, ratificamos que, olhando-se por outro ângulo, não se pode subestimar o fato de que, de acordo com Korstanje (2013), a tragédia na República de Cromañón catalisou mudanças importantes quanto a medidas de segurança nos entretenimentos noturnos da cidade de Buenos Aires. Ainda de acordo com esse autor, “A diferencia de otras asociaciones políticamente adoctrinadas, como las Madres o Abuelas de Plaza de Mayo, Cromañón es un discurso rebelde que aun cuando silenciado puede en cualquier momento resurgir” (KORSTANJE, 2013, p. 2). Essa constatação também é defendida por outros teóricos:

Luego de Cromañón, las normativas que se relacionan con la seguridad de los shows se intensificaron a tal punto que las inspecciones cada fin de semana se multiplicaron, los controles de entrada, permanencia y salida de un show se hicieron más rigurosos, y muchos locales se vieron en la obligación de cerrar definitivamente, debido a que no pudieron afrontar el alza de los costos que se imponía para mantener abiertas sus puertas (más personal de seguridad, refacciones, etc.) por lo que muchas prácticas vinculadas a la cultura del rock se transformaron casi a la fuerza. (HELLBUSCH; VICENS, 2013, p. 50).

Em linhas gerais, podemos resumir as condenações dos membros da banda Callejeros a essas cifras: Pato Fontanet (líder e vocalista), a sete anos; Eduardo Vázquez, baterista, a seis; Christian Torrejón (baixista), Juan Carbone (saxofonista), Elio Delgado (guitarrista) e Daniel Cardell (escenógrafo), a cinco anos cada um, e Maximiliano Djerfy, guitarrista, a tres. Funcionários públicos ligados ao governo de Ibarra tiveram as seguintes condenações: Fabiana Fiszbin, quatro anos; Gustavo Torres, três; e Ana María Fernández, dois anos e dez meses. Raúl Villarreal, sócio de Omar Chabán, cumpriu seis anos em regime fechado (ZENOBI, 2010).

Após quase quatorze anos da tragédia, com o benefício da liberdade condicional concedido a Patricio Fontanet no dia 02 de março deste ano, após cumprir dois terços da pena à qual foi condenado, o único envolvido no Caso Cromañón que continua preso é Eduardo Vázquez, não por seu envolvimento com o que ocorreu naquela noite de 30 de dezembro de 2004, mas por uma tragédia pessoal e igualmente dilacerante: feminicídio - crime que o levou à prisão perpétua, como supracitamos. A saída de Fontanet da prisão provocou reações acaloradas contra e a favor, especialmente por parte dos participantes de associações de pais e vítimas do Cromañón, assim como por parte dos fãs de Callejeros, respectivamente, que até hoje não admitem que os músicos tenham tido qualquer culpa no incêndio porque, segundo o que defendem, eles estavam ali para cantar, não eram organizadores e muito menos autoridades políticas. Em outras palavras: passados menos de uma década e meia, já não há mais presos pelo Caso Cromañón.

Para lembrar as autoridades (in)competentes da enorme dívida que tinham para com as famílias enlutadas e para que essas pudessem prantear seus mortos sem ter que passar pela dor de visitá-los nos cemitérios da cidade, mas pudessem somar forças estando congregadas, construiu-se um santuário do lado de fora da discoteca, onde jazeram um centenar de corpos naquela noite fatídica.

#### 4 Santuário de Cromañón, o relicário que perpetua a memória dos *pibes*

Um dia após o holocausto na República de Cromañón, de acordo com Palacio y Rodríguez (2013), com a quantidade de mortos se avolumando nos hospitais e no instituto médico legal de Buenos Aires e se somando à dor das famílias em luto, teve início a imediata construção espontânea de um santuário aos *pibes*. Enquanto esperavam a liberação dos corpos, familiares das vítimas, moradores do bairro e sobreviventes da tragédia começaram a deixar velas, fotos, flores, imagens de santos, garrafas de cerveja vazias, poemas, mensagens, cruzes de madeira e terços sobre o cerco policial que delimitou o espaço que protegeu os



Foto 5 - Pertences dos *pibes* no santuário a eles dedicado

Fonte: Acervo da Autora

corpos que jazeram no meio da rua naquela noite funesta, quando foram retirados já sem vida pelos bombeiros, policiais, socorristas e voluntários e ali depositados:

Casi inmediatamente, el boliche se convirtió en lugar de peregrinación y santuario. Efectivamente, el primero de enero se fue poblando de velas, flores y mensajes para las víctimas. Y se convirtió en espacio de plegarias, incluso con la misa que ofició el obispo auxiliar de Buenos Aires, monseñor Eduardo García. De allí mismo partió también la primera de las muchas marchas que familiares, amigos y vecinos realizarían en homenaje, al principio, y en pedido de justicia, luego. (CLARÍN *apud* CONDE, 2005, p. 1).

Com o passar dos dias, de acordo com Korstanje (2007), aos objetos deixados foram sendo acrescentados objetos pertencentes às próprias vítimas e que haviam sido resgatados do local do sinistro: fotos, camisetas com logotipos de bandas de rock, pedaços de bandeiras que elas portavam no show, malabares, documentos e, principalmente, pares de tênis. Aquelas centenas de pares de *zapatillas Topper* foram atados a um fio que se estendeu à frente do santuário, tal como podemos ver na Foto 5. Ter ali pertences dos próprios mortos sacralizou ainda mais o lugar porque tornaram-se objetos metonímicos ao representarem seus donos mortos ali ao lado e rememorados em conjunto.

Korstanje (2007) afirma que vistos por outro viés, aqueles tênis viraram um símbolo dos jovens mortos sem possibilidade de defesa, a quem se prefere chamar, muitas vezes, não de *pibes*, mas de *ángeles*. Por isso os tênis desenhados nas paredes do lugar têm asas e estão sempre desatados para plasmar essa ideia que ficou do martírio de pessoas muito jovens e que calçavam este tipo de tênis; desatados, para expressar o descuido final, a tentativa de fuga (*vide* Foto 4). Nas lápides e homenagens aos *pibes* no santuário podemos testemunhar esta ligação de suas imagens e nomes à legião angelical, conforme Korstanje (2007, p. 82):

- a) “Qué descansen en paz, ángeles del cielo, que este recital terminará en cualquier momento”;
- b) “El cielo ganó un ejército de ángeles pero quedaron cientos de hogares vacíos”;
- c) “Maty, desde el cielo me miran tus ojos a donde voy”;
- d) “Sos el ángel que nos da fuerza para seguir viviendo, yo sé que de algún lado vos nos estás ayudando”.

Duas ideias pairam sobre a tragédia do Cromañón, especificamente no lugar onde o fato se deu: a de que os jovens foram sacrificados como mártires que não morreram em vão e a de que o santuário é um relicário desse macro sacrifício (KORSTANJE, 2007). O que percebemos, estando ali na condição de visitantes, é que quase todas as pessoas que por ali passam, cruzando a rua em direção ao terminal de ônibus que fica em frente ou em direção ao

lado oposto, persignam-se e muitas delas param um pouco ou atrasam o passo para contemplar os rostos alegres dos falecidos, estampados no mural, ou os objetos, placas e painéis do ambiente. Alguns dos que param, rezam; outros choram, e há os que rezam e choram. Passados quase treze anos, a Argentina ainda sente a dor daquela quinta-feira quente de 30 de dezembro de 2004.

A mídia explorou o quanto pode o assunto, revirando-o pelo avesso, promovendo debates televisivos sem fim entre pais que divergiam quanto aos rumos que as investigações tomavam e que se insultavam ao vivo, chegando a se jurar mutuamente de morte (CLARÍN, 2015). Sim, porque logo após a tragédia, cada um tentou resignificar a dor à luz de seu sistema de crenças e convicções mais íntimas: uns se conformaram com a perda e outros não a aceitaram nunca. Apesar das divergências, há, de fato, a luta de todos esses segmentos, com o apoio da sociedade, contra o esquecimento; a luta contra a impunidade e para se preservar a memória dessas cento e noventa e quatro pessoas que pereceram ainda muito jovens e sem terem tido a chance de evitá-lo - mortes provocadas pela ganância dos que organizaram a festa e pela corrupção dos que foram coniventes e subornados para que assim o fosse (ZENOBI, 2010).



Foto 2 - Homenagem às mães dos *pibes*, que morreram à espera de justiça  
Fonte: Acervo da Autora

Infelizmente, à espera de ter as vítimas ajusticiadas, muitos familiares se desesperaram pela morosidade e impunidade ao longo do processo; alguns morreram precocemente, vitimados por cânceres e doenças ligadas à somatização das dores da alma como infartos e acidentes vasculares cerebrais. Podemos testemunhá-lo na lápide que abre o santuário (*vide* Foto 6), que indica a morte imediata de algumas mães que não aguentaram a perda de seus filhos. O luto promovido pela tragédia é o que Smud (2005, p. 134) qualifica de *duelo imprevisto*:

Atravesar un duelo imprevisto es una experiencia límite: la persona pone en juego su cordura, su esencia, su ética. Pero no olvidamos que los que mueren son mayoritariamente jóvenes y quienes se enfrentan a estos duelos imprevistos no son los hijos que entierran a los padres sino los padres quienes despiden a sus hijos.

E a dor que soem sentir os afetados em situações como essa, é descrita por Smud (*idem*) assim:



La muerte de hijos es la muerte más terrible que puede acontecer, es tan así que quién pierde un hijo queda en la orfandad a tal punto que no hay nombre para darle que lo englobe dentro de un grupo. El que pierde un esposo es viudo, pero para quién pierde un hijo no hay nombre que lo defina. [...]

Não somente esses pais de vítimas ficaram afetados para sempre como também os sobreviventes. É comum, segundo Korstanje (2007), o discurso de culpa desses últimos por haverem saído vivos enquanto familiares e amigos não tiveram a mesma sorte, assim como é recorrente o sentimento de que a tragédia cortou-lhes a trajetória e interferiu em suas histórias de vida: têm fobias, ficaram cronicamente enfermos do sistema respiratório, entram em depressão com facilidade e têm ideações suicidas ou, no mínimo, afetações psiquiátricas. A sensação é a de que esse episódio doloroso os acompanhará vida afora. Até o presente momento, dezessete suicídios de sobreviventes da tragédia foram registrados (CODARO, 2015).

Para manter viva a memória dos *pibes*, todos os dias 30 de cada mês e, especialmente, no dia 30 de dezembro de cada ano desde então, marchas chegam ou saem do santuário (PALACIOS; RODRÍGUEZ, 2013). A partir de março de 2005 até certa data, realizaram-se ali vigílias que depois foram proibidas pela Igreja. Um ano depois do sinistro, o governo da cidade de Buenos Aires construiu, ao lado do santuário, a Plaza de la Memoria, à guisa de homenagem oficial, mas que não foi aceita pela população como o fora o santuário bem mais modesto erguido no auge da dor dos afetados e dos simpatizantes da causa (PALACIOS; RODRÍGUEZ, 2013). Almejava-se, com essa construção mais ordenada, passar a ideia de que o governo de Buenos Aires importava-se com as vítimas do acidente e com suas famílias e amigos, que ali teriam um local melhor preparado para receber suas condolências. Além disso, a Plaza de la Memoria é considerada pelo poder público como o lugar oficial onde se deve prantear as vítimas fatais do Caso Cromañón, dado que o santuário simboliza um estorvo para a engenharia de tráfego portenha: sua localização, já perto do terminal de ônibus, impede o fluxo de várias linhas e vem sendo alvo de críticas e de projetos que o desfazem para reestabelecer o fluxo normal de veículos pela zona. Não obstante, esse plano encontra resistência nos familiares e nos amigos das vítimas fatais, vítimas essas que ficaram ali enfileiradas na noite do incêndio, à espera de quem as reconhecesse e que, portanto, fazem do santuário um campo santo literalmente, segundo Palacios e Rodríguez (2013).

Independentemente de ser no santuário construído um dia após o incêndio ou na praça construída para lembrar um ano da tragédia, os *pibes* jamais foram esquecidos, jamais

deixaram de ser chorados, jamais deixaram de ser vistos como cento e noventa e quatro anjos que foram arrebatados cedo demais. Os argentinos, respeitosos com seu passado e com os gloriosos que nele estão, os têm como seres iluminados, que partiram sem se despedir porque, na verdade, eles nunca se foram.

Infelizmente o Cromañón não foi um caso isolado envolvendo centenas de pessoas em espaço impróprio para acolhê-las com segurança: em um curto intervalo de treze anos, outras duas tragédias similares marcaram o Paraguai e o Brasil.



Foto 7: O santuário do Cromañón hoje - vista parcial, com os rostos e nomes dos falecidos e as homenagens póstumas

## 5 Supermercado Ycuá Bolaños, República de Cromañón e Boate Kiss: coincidências, negligência e luta contra o esquecimento

1º de agosto de 2004. Era um domingo agradável de inverno no bairro Santísima Trinidad, em Asunción, no Paraguai. Ninguém poderia imaginar que um incêndio no moderno e frequentadíssimo supermercado Ycuá Bolaños, dentro de um complexo de shopping center, teria lugar na praça de alimentação, como afirma Codaro (2015), e que acabaria com o saldo de quase quinhentos feridos e trezentos e setenta e quatro falecidos, dos quais quarenta e dois não foram identificados e dezessete foram dados como desaparecidos devido ao seu estado de incineração, de acordo com Ramírez e Galeano (2004). Essa foi a maior tragédia civil que acometeu o país até o momento. A explicação técnica para o sinistro é resumida assim:

De acuerdo a un informe de la Fiscalía General del Estado, el fuego se inició en la planta alta del patio de comidas. Fue a raíz de la combustión de grasas y carbonillas acumuladas en una desviación de tipo codo en el tiro de la chimenea de la parrilla, a 45 centímetros del techo, por encima del cielo raso, debido al calor producido durante la cocción de productos cárnicos. Tras quemarse la grasa y la carbonilla, se gestaron temperaturas y gases calientes que provocaron desprendimientos de las uniones de soldadura, y se transfirió el calor al material aislante del techo. Dicho material, al estar expuesto a temperaturas superiores a 200°C, fue combustionando lentamente, con el consiguiente aumento de la producción de gases calientes, que fueron acumulándose entre el techo y el cielo raso. De este modo, se inició el desprendimiento gradual del cielo raso en forma aleatoria, que produjo la entrada

súbita de oxígeno, enriqueció el proceso de combustión y propagó el fuego rápida y violentamente hacia distintas direcciones. A su paso, el fuego fue quemando los distintos tipos de combustibles que halló hasta llegar al estacionamiento, donde hizo explotar a los vehículos. En el itinerario del fuego se produjeron explosiones, roturas y caídas de vidrios, vigas, cielo raso, un compresor, cañería de un refrigerador, aerosoles, ceras y polvos diversos, lo que en un principio los testigos confundieron con la detonación de explosivos. [...] el fenómeno de fuego que arrasó con el lugar alcanzó una temperatura de entre 900°C a 1.000°C, suficiente para carbonizar a cualquier persona en pocos minutos. (RAMÍREZ; GALEANO, 2004, p. 501-502).

Temendo que os clientes saíssem sem pagar, ainda que sabendo que poderiam morrer calcinados se continuassem mais tempo ali, o filho do proprietário ordenou que as portas fossem fechadas. Ele e o pai fugiram levando o dinheiro que estava nos caixas. Acuados, os clientes que não conseguiram escapar morreram carbonizados e/ou sufocados pela fumaça, inclusive os funcionários do supermercado e os próprios seguranças que impediam a abertura dos portões, em um pandemônio que durou aproximadamente sete horas. Do lado de fora, familiares das vítimas, bombeiros e voluntários somaram forças para abrir espaço em meio ao ambiente hermético do supermercado, mas as labaredas foram impiedosas e impediram que a vida triunfasse ali. Sem nunca haver passado por inspeções de rotina, segundo Ramírez e Galeano (2004), o Ycuá Bolaños estava destinado a entrar para a história do Paraguai com a pecha da negligência, da irresponsabilidade e da ganância assassinas.

Juan Pío Paiva, o proprietário, foi condenado em 2014 a doze anos de prisão, mas a justiça não foi feita e as vítimas que ele matou indiretamente não foram indenizadas à altura. Os sobreviventes que tiveram mais sorte passaram por uma reabilitação longa e dolorosa, alguns nunca se recuperaram suficientemente e a grande maioria convive com as sequelas físicas e psicológicas do sinistro e com a ausência de parentes, amigos e conhecidos que não saíram vivos dali.

A dor uniu sobreviventes, familiares de vítimas e simpatizantes em várias associações que passaram a clamar por justiça. Algumas delas são, conforme Ramírez e Galeano (2004): Coordinadora de Víctimas, Familiares y Personas Amigas de los afectados del Ycuá Bolaños; Asociación de Víctimas del Ycuá Bolaños - Zeballos Cué; Grupo de Familiares de Desaparecidos; Asociación de Víctimas del Ycuá Bolaños e Ni Olvido, Ni Perdón. Essas e outras associações, unidas, passaram a exercer forte e crescente pressão sobre a opinião pública, a mídia e os representantes do governo daquele momento em Buenos Aires, que viram-se obrigados a atender algumas das reivindicações mais urgentes dos manifestantes, tais como a concessão de subsídios que até hoje estão vigentes e são a única fonte de renda de muitas das vítimas que, incapacitadas para a vida laboral, dependem dessa ajuda mensal (ZENOBI, 2010).

No final do mesmo ano, no dia 30 de dezembro de 2004, ocorreu a tragédia na República de Cromañón, sobre a qual vimos discorrendo ao longo desse trabalho. Nove anos depois, na madrugada do dia 27 de janeiro de 2013, na Boate Kiss, em Santa Maria, no Brasil, duzentas e quarenta e duas vítimas fatais, cuja faixa etária oscilava entre os dezoito e os trinta anos, e quase setecentos feridos marcariam a segunda maior tragédia civil brasileira, em uma festa universitária que almejava arrecadar fundos para a formatura dos alunos da Universidade Federal de Santa Maria (CARVALHO; BUZALAF, 2016). Marcelo de Jesus dos Santos, o vocalista da banda Gurizada Fandangueira, a principal atração musical daquela noite, na tentativa de fazer sua apresentação mais chamativa, acendera um artefato pirotécnico e o apontara para o alto, preso à sua mão. As chispas atingiram o teto, forrado com um isolante acústico que, igual ao que ocorrera na República de Cromañón, incendiou-se e liberou monóxido de carbono e cianeto, uma combinação letal e que levou consigo parte da juventude daquela cidade universitária. Diferentemente do Caso Cromañón, onde houve poucos queimados, na Boate Kiss houve muitos, além dos asfixiados que não lograram sobreviver.

Muitas dessas mortes poderiam ter sido evitadas se os seguranças que guardavam as entradas não tivessem barrado as pessoas que tentavam fugir desesperadamente. Contudo, no furor do momento, com a luz cortada pela pane elétrica que o foco de incêndio causara, a ordem que receberam os seguranças foi a de não deixar passar ninguém porque não se poderia deixar o lugar sem que se pagasse a consumação na barra de bebidas. A perícia identificou várias irregularidades responsáveis pela tragédia e culpabilizou, além do vocalista da banda Gurizada Fandangueira, o montador do palco (Luciano Augusto Bonilha Leão) e os empresários e sócios da boate, Mauro Hoffmann e Elissandro Spohr. À luz de Carvalho e Buzalaf (2016, p. 2):

Todos estão em liberdade e respondem ao processo criminal que os acusa de homicídios qualificados com dolo eventuais. O corpo de bombeiros de Santa Maria foi absolvido. A prefeitura, responsável pelos alvarás de funcionamento, não chegou a ser citada no processo.

O desastroso incêndio na Boate Kiss é assustadoramente similar ao que ocorrera na República de Cromañón:

[...] o uso do dispositivo de fogo, o revestimento acústico do interior da boate, a falta de saídas de emergência, a conduta de funcionários na evacuação do local, a ineficiência dos extintores de incêndio, a superlotação e ainda questões burocráticas, como alvarás da prefeitura e vistoria dos bombeiros. [...] As políticas públicas do município, aos poucos, começam a ser eficientes, muitos locais públicos foram fechados e só reabertos com a autorização de funcionamento depois de exigidas as

devidas condições de segurança. [...] No primeiro momento, o Ministério Público denunciou oito pessoas diretamente envolvidas no incidente. Entre eles, o proprietário da boate, o sócio, o produtor da banda e o vocalista, o comandante regional dos bombeiros e um sargento, este último acusado de incluir documentos indevidamente. O ex-sócio e o contador de uma das empresas da família também foram indiciados por falso testemunho. A associação dos familiares das vítimas organizou uma vigília no centro da cidade e mensalmente realiza atos pacíficos que lembrem as vítimas. Hoje, o local da Boate Kiss se transformou em uma espécie de “santuário” onde recebe visitas, flores, imagens das vítimas, e se apresenta como um espaço de luta/lembança do ocorrido. (BENADUCE *et al.*, 2014, p. 2-3).

Ainda conforme Benaduce *et al.* (2014), tal fatalidade poderia ter sido evitada se se houvesse observado o ocorrido na República de Cromañón quase uma década antes e se se tivesse tomado o devido cuidado para que o que ali sucedera jamais voltasse a se repetir. Houve claramente uma gravíssima negligência, senão por parte das autoridades (que deveriam haver se empenhado em bem inspecionar lugares como aquele, frequentado por multidões), seguramente por parte de quem organizara o espetáculo na Boate Kiss, que não previu um acidente tão óbvio como um incêndio que poderia ser provocado por um artefato pirotécnico acesso e manipulado em um lugar de reduzidas dimensões e hermeticamente fechado. A falha mais grave que ali ocorreu, reforçam Carvalho e Buzalaf (2016), diz respeito ao fato de se haver prescindido, naquele momento, da experiência prévia para se evitar novos erros. Com a proximidade geográfica entre Santa Maria e Buenos Aires, além da proximidade histórica entre os dois sinistros, foi no mínimo esdrúxulo que a história se repetisse nas mesmas circunstâncias, provocada pelas mesmas causas e que gerasse as mesmas consequências.

À guisa de resultados do levantamento bibliográfico que fizemos para a concepção desse artigo, se estendermos o tema em sentido macro, encontraremos algumas congruências e incongruências que marcaram as três desgraças aqui tratadas:

- 1) Todas foram causadas por incêndios criminosos que poderiam ter sido evitados se as inspeções rotineiras por parte dos órgãos governamentais não tivessem sido subornadas para que se passasse por cima de irregularidades, se os extintores de incêndio estivessem operativos, se houvesse sinalização que indicasse as saídas de emergência e se essas tivessem sido utilizadas para o fim que lhes cabe;
- 2) Nos três sinistros a ganância dos proprietários ou gestores dos lugares foi mais forte do que sua grande responsabilidade pelas vidas das pessoas que os frequentavam;
- 3) A maioria das vítimas foi de jovens (de crianças, no Caso Ycuá Bolaños).
- 4) Após cada uma dessas tragédias, reuniram-se famílias enlutadas, amigos de vítimas e sobreviventes em associações que tanto vêm provendo amparo psicológico uns aos outros como exigindo que se faça justiça;

5) Em nenhum dos três casos a justiça foi feita. O poder e o dinheiro corromperam as investigações e as condenações. Os verdadeiros culpados jamais pagaram por seus crimes como se esperava, mas sim “testas de ferro” em seus lugares.

Casos como esses ocorreram em outras partes do mundo recentemente e sob as mesmas circunstâncias, no entanto, os três que tratamos aqui, e especialmente o Caso Cromañón, marcou-nos pela sua inevitabilidade e pela corrupção nos bastidores dos processos.

## 6 Considerações Finais

Não há como entrar, atravessar e/ou sair do santuário do Cromañón sem levar a alma impregnada dele. O apelo à lembrança daqueles cento e noventa e quatro mortos, quase mil feridos e suas respectivas famílias e amigos enlutados está impresso em cada foto, em cada declaração de homenagem e de dor, em cada par de *zapatillas* pendurado no fio que cruza o lugar de leste a oeste e nas palavras de ordem e de pranteamento nos painéis que adornam as paredes que cercam o ambiente.

Por todos os lados, objetos, figuras e palavras nos remetem à terrífica noite de 30 de dezembro de 2004. Já não está como o foi antes: está bem menos povoado de flores, cartolinas e pertences das vítimas; está mais ordenado e menos poluído visualmente. Contudo, nunca deixou de ser o ponto onde se concentram os afetados por aquela desgraça, quer seja para rezar por seus mortos, quer seja para pedir justiça. O Caso Cromañón foi o epílogo doloroso para alguns familiares dos falecidos que, não aguentando a perda de seus entes queridos, os seguiram na morte; foi o longo outono na vida de Omar Chabán, que se assumiu como o único culpado pelo ocorrido mas que não foi capaz de resignificar sua vida nem a amargura que o levou a um câncer agressivo e letal, contra o qual lutou durante anos; foi o ponto de inflexão para a banda Callejeros e para seus fãs.

Haverá tido de tudo um pouco para que aquela fatalidade tenha ocorrido: negligência, ganância, imprudência, mentira, desobediência, corrupção, manipulação midiática, azar, além de um ou outro fator aqui não mencionado, tal como ocorrera no Supermercado Ycuá Bolaños, em Assunção, no Paraguai, em agosto de 2004, e como ocorreria na Boate Kiss, em Santa Maria, no Brasil, em janeiro de 2013. O incêndio na República de Cromañón endureceu a fiscalização e derrubou autoridades, mas a justiça não foi plenamente contemplada: Omar Chabán foi o único que realmente pagou pelo conluio de todos, os músicos da banda estão cumprindo uma pena menor que a de Chabán, Ibarra foi reeleito e seus funcionários protegidos foram apenas parcialmente condenados. Fica a

pergunta para a posteridade (porque até agora não lhe encontramos resposta): não se foi demasiado duro com uns e brando com outros?

Essas três tragédias poderiam ter sido evitadas se contássemos com leis mais severas, políticos e funcionários públicos menos corruptos e menos “compráveis”, além de uma conscientização quanto ao suborno e às consequências nefastas que dele advêm. Infelizmente somente aprendemos a lição quando a dor já está instalada, quando vidas inocentes foram ceifadas desnecessariamente. Uma vez que não amadurecemos no sentido de evitar que outros Casos Cromañón, Ycuá Bolaños e Boate Kiss se repitam, desastres como esses correm o risco de ocorrer outras tantas vezes, de enlutar centenas de famílias e de manchar de impotência a história das nações que lhes sirvam de berço. O Caso Boate Kiss é lembrado com imprecisão pelos brasileiros que não foram atingidos por ele; o Caso Ycuá Bolaños é uma ferida aberta na alma dos paraguaios, que já passaram por tantas perdas registradas historicamente; já o Caso Cromañón segue sendo revolido pelos argentinos, que não esquecem de seus *ángeles*.

É certo que os *pibes* ainda esperam ser justificados à altura. Enquanto isso, sua memória viverá enquanto viverem todos os envolvidos nessa que foi a maior tragédia não natural da história da Argentina, cujo povo sabe cultivar, preservar e honrar seu passado e exigir, no presente, melhores dias futuros.

*¡Los pibes de Cromañón, presentes ahora y siempre!*

## Referências

BENADUCE, B. *et al.* Kiss: As Tentativas de Superação dos Familiares das Vítimas da Tragédia de Santa Maria. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul – Palhoça – SC, p. 1-10, 2014.

CARVALHO, B. D.; BUZALAF, M. N. Breves histórias da maior tragédia do Rio Grande do Sul: crônicas sobre o incêndio da Boate Kiss. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXIII Prêmio Expocom 2016 – Exposição da Pesquisa Experimental em Comunicação, p. 1-7, 2016.

CLARÍN SOCIEDAD. 2015. Disponível em: <[https://www.clarin.com/sociedad/cromanon-condenados-acusados-fallo-justicia-callejeros\\_0\\_H1NxaztD7x.html](https://www.clarin.com/sociedad/cromanon-condenados-acusados-fallo-justicia-callejeros_0_H1NxaztD7x.html)> Acesso em: 19 jul. 2017.

CODARO, L. Hacia un análisis comparativo de Cromañón, Ycuá Bolaños y Kiss. Question – Revista Especializada en Periodismo y Comunicación, v. 1, n. 47, p. 297-308, 2015.

CONDE, M. Cromagnón: las lógicas de los cuerpos y los discursos. Argumentos, p. 1-5, 2005.

HELLBUSCH, D.; VICENS, G. AC/DC: antes y después de Cromañón. Discursos sobre el riesgo y el rock. Letra. Imagen. Sonido. L.I.S., n. 9, p. 49-60, 2013.

ISACOVICH, P. Los sentidos de juventud como herramientas de acción política: un estudio del caso Cromañón. IX Congreso Argentino de Antropología Social. Facultad de Humanidades y Ciencias Sociales - Universidad Nacional de Misiones, Posadas, p. 1-18, 2008.

\_\_\_\_\_. Los sentidos de juventud puestos en actos. Un estudio sobre el caso Cromañón. XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires, p. 1-17, 2009.

KORSTANJE, M. Formas urbanas de religiosidad popular. El caso Cromañón en Buenos Aires. Rev. Mad., n. 16, p. 79-92, 2007.

\_\_\_\_\_. A tantos años de Cromañón: ¿y después de eso, qué? Nómadas – Revista Crítica de Ciencias Sociales y Jurídicas, Número Especial: Especial América Latina, p. 1-19, 2013.  
MOREL, H. Murga y Cromañón: recuperando la alegría después de la tragedia. Papeles de trabajo. Revista electrónica del Instituto de Altos Estudios Sociales de la Universidad Nacional de General San Martín, n. 5, p. 1-15, 2009.

NEME, M. A. La recepción televisiva de la tragedia de Cromañón. Question – Revista Especializada en Periodismo y Comunicación, v. 1, n. 42, p. 325-340, 2014.

PALACIOS, C.; RODRÍGUEZ, A. ¿Qué memoria (s) para Buenos Aires? Un análisis comparativo de los casos del Santuario de Cromañón y del Espacio para la Memoria y para la Promoción y Defensa de los Derechos Humanos. Estudios Demográficos e Urbanos, v. 28, n. 2, p. 323-341, 2013.

RAMÍREZ, A.; GALEANO, A. Mas allá de la tragedia, ¿dónde está la responsabilidad? Derechos humanos en Paraguay, p. 501-504, 2004.

SMUD, M. H., Acerca de los duelos imprevistos (un texto después de Cromañón). XII Jornadas de Investigación y Primer Encuentro de Investigadores en Psicología del Mercosur. Facultad de Psicología - Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires, p. 133-135, 2005.

WORTMAN, A. Una tragedia más, ahora los jóvenes y niños de la República de Cromañón. Argumentos, n. 5, p. 1-6, 2005.

ZENOBI, D. Los familiares de víctimas de Cromañón, en la encrucijada del “dolor”. Emociones, relaciones sociales y contextos locales. RBSE, v. 9, p. 581-628, 2010.

\_\_\_\_\_. El trabajo de campo y sus traspies. Un etnógrafo entre las víctimas de la “masacre de Cromañón”. Ankulegi, p. 69-80, 2011.

\_\_\_\_\_. Los nombres de la novedad. Política y expertise transnacional en la producción social de las víctimas de la tragedia de Cromañón. 29ª Reunião Brasileira de Antropologia, Natal (Rio Grande do Norte), 21 p., 2014.



## ANEXO I - Vídeos sobre os Casos Ycuá Bolaños, Cromañón e Boate Kiss

A 10 años de Cromañón. 2014. <<https://www.youtube.com/watch?v=mwU6wE5fMwU>> C5N - MINUTO UNO: ENTREVISTA COMPLETA A PATRICIO FONTANET. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=LEXdQbbbRh8>> Acesso: 06 out. 2016.

Bernardo Rios, sobreviviente del Ycuá Bolaños - Ultimahora.com. 2014. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=LyrWnzZNjVo>> Acesso: 22 abr. 2017.

C5N CROMAÑÓN: HABLA EL GUITARRISTA DE CALLEJEROS. 2011. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=rsS9IA2-5k8>> Acesso: 06 out. 2016.

Callejeros - Me Niego Esta Noche A Olvidar - 30/12/04 - 30/12/09 A 5 Años De La Tragedia. 2009. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=FWbKIQ1th7M>> Acesso: 06 out. 2016.

Cromañón - 194 muertos y ningún preso PATRICIO PATO FONTANET SE LAVA LAS MANOS. 2009. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=2lzC8yweRsM>> Acesso: 06 out. 2016.

Cromañón - Lo que el fuego nos dejó – Documental. 2010. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=CX4zu6KibtE>> Acesso: 06 out. 2016.

Cromañón. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=PpfgoRXp4-4>> 2007. Acesso: 05 out. 2016.

Cromañón. 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=6miZQ9AD0X4>> Acesso: 05 out. 2016.

Cromañón: el cómo, y el porqué (TN). 2008. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=k7P8PSeW664>> Acesso: 05 out. 2016.

Cromañón: Padres de victimas amenazan en vivo a funcionarios públicos y músicos de Callejeros. 2012. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=xy\\_bDdrA48U](https://www.youtube.com/watch?v=xy_bDdrA48U)> Acesso: 06 out. 2016.

Entrevista a Maximiliano Djerfy \_ Callejeros. 2012. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=jgbg\\_GUIM1A](https://www.youtube.com/watch?v=jgbg_GUIM1A)> Acesso: 06 out. 2016.

Especial 10 años de Cromañón: el documento del horror (Telefe Noticias 2014 - Informe Nacho Girón). 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=S8bMRYEZiO0>> Acesso: 06 out. 2016.

Especial 10 años de Cromañón: El país después de los muertos (Telefe Noticias - Informe Nacho Girón). 2015. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=wmd7XMPw\\_VQ](https://www.youtube.com/watch?v=wmd7XMPw_VQ)> Acesso: 05 out. 2016.

Especial 10 años de Cromañón: el precio que pagó el rock (Telefe Noticias - Informe Nacho Girón). 2015. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=7NZ4LQIZq\\_k](https://www.youtube.com/watch?v=7NZ4LQIZq_k)> Acesso: 18 jul. 2017.

Especial 10 años de Cromañon: Los secretos de la causa (Telefe Noticias - Informe Nacho Girón). 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=L4-RfoLLyz8>> Acesso: 06 out. 2016.

Especial 10 años de Cromañon: Vivir con Cromañon adentro (Telefe Noticias - Informe Nacho Girón). 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=x5qy3E2kYFM>> Acesso: 05 out. 2016.

Esta Noche: Mujeres Maltratadas. Caso Wanda Taddei. Entrevista. 2011. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=pUkyFTbqN68>> Acesso: 09 out. 2016.

Estefanía Miguel, novia del Pato Fontanet Sigue internado y detenido. 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=-JUBSayYibM>> Acesso: 09 out. 2016.

¿Fontanet se Está Dejando Morir? – AM. 2013. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=kmmxeOJUPOk>> Acesso: 06 out. 2016.

Gloria Morel, sobreviviente del Ycuá Bolaños - ultimahora.com. 2014. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=sEkPbaPATkI>> Acesso: 22 abr. 2017.

Habló Pato Fontanet luego de quedar libre. 2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=gLCxfWmQXXc>> Acesso: 06 out. 2016.

Historia de Analía Etcheverry, mamá de Ailana - ultimahora.com. 2013. Disponível em <[https://www.youtube.com/watch?v=qJS6n5Puf\\_I](https://www.youtube.com/watch?v=qJS6n5Puf_I)> Acesso: 22 abr. 2017.

Infierno en Cromagnon. Documental Discovery. 2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=icP1bOKRTX0>> Acesso: 05 out. 2016.

Informe: República Cromañon 10 años despues. 2014. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=Wrb3W9khl08>> Acesso: 05 out. 2016.

La Situación De Fontanet, Si No Está En Su Sano Juicio – AM. 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=aaC7oFxfyA0>> Acesso: 06 out. 2016.

LA TERRIBLE TRAGEDIA DE CROMAÑÓN [VIDEO REAL]. 2016. Disponível em. <<https://www.youtube.com/watch?v=3yyliULv3jE>> Acesso: 06 out. 2016.

Masacre de Cromañon. 2007. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=abuGF-RTjok>> Acesso: 06 out. 2016.

Minutos previos a la tragedia de Cromañon... 30-12-04. 2012. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=H0JV1vnm86s>> Acesso: 06 out. 2016.

NOS PASÓ A TODOS // a 10 años de la tragedia de cromañon. 2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=2oWDilj4UCk>> Acesso: 06 out. 2016.

Pato Fontanet cuenta su verdad – AM. 2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=pe2NcPqPUGg>> Acesso: 06 out. 2016.

¿Que ocurrió con Fontanet para Terminar en un Psiquiátrico? – AM. 2013. Disponível em  
<<https://www.youtube.com/watch?v=7X0BladTgMA>> Acesso: 06 out. 2016.

República Cromañón 30-12-2004. 2009. Disponível em:  
<<https://www.youtube.com/watch?v=nsXrYUc9XkY>> Acesso: 05 out. 2016.

TRAGEDIA DE CROMAGNON. 2011. Disponível em:  
<<https://www.youtube.com/watch?v=yhJ3Lg13Eyc>> Acesso: 05 out. 2016.

Tragedia de Cromagnon: las ultimas imágenes. 2009. Disponível em:  
<<https://www.youtube.com/watch?v=gqfwIXiwwLw>> Acesso: 05 out. 2016.

Tragédia De Santa Maria - Discovery Channel. 2013. Disponível em  
<<https://www.youtube.com/watch?v=Lq6NkkKD3DI>> Acesso: 25 abr. 2017.

Visión 7 - A 10 años de la tragedia de Cromañón. 2014. Disponível em:  
<<https://www.youtube.com/watch?v=JjfQEtcB60w>> Acesso: 05 out. 2016.

Visión 7 - Cromañón: A 10 años de la tragedia. 2014. Disponível em:  
<[https://www.youtube.com/watch?v=F6uby\\_PFUgs](https://www.youtube.com/watch?v=F6uby_PFUgs)> Acesso: 05 out. 2016.

Visión Siete: Entrevista exclusiva con Eduardo Vázquez (1 de 2). 2010. Disponível em:  
<<https://www.youtube.com/watch?v=UKCD4AxLrNg>> Acesso: 05 out. 2016.

Visión Siete: Entrevista exclusiva con Eduardo Vázquez (2 de 2). 2010. Disponível em:  
<<https://www.youtube.com/watch?v=1X4eYzXxqUI>> Acesso: 05 out. 2016.

Voces Anónimas "El infierno en la Tierra" (Programa especial) con Guillermo Lockhart.  
2012. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=YAVm3FBkOus>> Acesso: 05  
out. 2016.

Voces de Cromañón. 2009. Disponível em  
<<https://www.youtube.com/watch?v=YniZII5Wvhs>> Acesso: 05 out. 2016.

Verónica Bécker sobreviviente de Ycuá Bolaños. 2014. Disponível em  
<[https://www.youtube.com/watch?v=T6Pew\\_tSgVI](https://www.youtube.com/watch?v=T6Pew_tSgVI)> Acesso: 22 abr. 2017.